

# POESIA RECUPERA AMOR<sup>1</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i28p44-53>

**Maria Aparecida Barbosa**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

## RESUMO

A fim de compartilhar o fórum de reflexões literárias concernentes ao *Bildungsroman*, o artigo que apresento resulta da minha pesquisa sobre a literatura de Novalis, a partir da compreensão dos contextos e debates poéticos que concernem à composição de *Heinrich von Ofterdingen*, romance que permaneceu inconcluso e passível de interpretações dos manuscritos e da crítica dos prototextos, após a morte do escritor. A essa incompletude circunstancial soma-se a do caráter específico do gênero textual romance composto de abstrações de valores morais, religiosos e de personificações dos elementos do mundo orgânico e inorgânico, o que pressupõe a ocorrência de uma alegoria literária. Considerando a complexidade do texto, este estudo desencadeia a leitura crítica com os primeiros comentários identificadores resultantes da leitura atenta, visando a tradução, a descrição, a análise e a interpretação de um fenômeno poético mais amplo, o Romantismo.

## ABSTRACT

*In order to take part in the forum of literary reflections concerning the Bildungsroman, the paper I present results from my research studies on the literature of Novalis, from the understanding of the contexts and poetic debates about the composition of Heinrich von Ofterdingen, novel which remains unfinished and passible for the interpretation of the manuscripts and of the criticism of the prototexts, after the death of the writer. Besides of this circumstantial incompleteness, it adds to it the specific character of the novel's textual genre, composed of abstractions of moral and religious values and personifications of the elements of the organic and inorganic world, which presupposes the occurrence of a literary allegory. Considering the complexity of Novalis literary text, this study triggers the critical reading with its first identifying comments that resulted from close reading, aiming at the translation, description, analysis and interpretation of a broader poetic phenomenon: Romanticism..*

## PALAVRAS-CHAVE:

Bildungsroman;  
Heinrich von  
Ofterdingen;  
Novalis;  
Flor Azul;  
Romantismo;  
Poesia.

## KEYWORDS:

Bildungsroman;  
Heinrich von  
Ofterdingen;  
Novalis;  
Blue Flower;  
Romanticism;  
Poetry.

---

<sup>1</sup> Esta é uma versão *work in progress* do estudo iniciado com a “Apresentação” ao livro NOVALIS. *A Flor Azul*. Tradução Maria Aparecida Barbosa, ilustrações de Rodrigo de Haro, prefácio Claudio Willer. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2018.

Imagem  
 Imagem — nem alegoria  
 — nem símbolo de um estranho  
 — símbolo de si mesmo.

Novalis, *Fragmente*<sup>2</sup>

O romance de Novalis<sup>3</sup> acerca da formação de Heinrich foi a primeira reverberação romântica do *Bildungsroman* (“romance de formação”) *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795) de Goethe, e sua importância se deve à crítica implícita nas escolhas do protagonista. Ao contrário da busca pela formação intelectual e espiritual de Wilhelm Meister, que no final escolhe caminhos convencionais, os escritores românticos sugerem conduções distintas para seus protagonistas. Heinrich é um desses personagens anti-heróis; ele sai à procura da Poesia. Essa diferença fundamental rompe com a tradição e funda um paradigma na literatura: o Romantismo.

Novalis se ocupava intensamente com a literatura de Goethe, com admiração o defendia de seus contemporâneos críticos:

Quão desejável não é ser contemporâneo de um homem verdadeiramente grande! A maioria dos alemães cultivados de agora não é dessa opinião. Ela é refinada o suficiente, para renegar tudo o que é grande, e segue o sistema do aplainamento. Se apenas o sistema copernicano não estivesse tão firme, ser-lhes-ia muito cômodo fazer do Sol e dos astros fogos-fátuos novamente, e da Terra o universo. Por isso Goethe, que é agora o verdadeiro delegado do espírito poético sobre a Terra, é tratado tão comumente quanto possível e olhado com desdém, quando não satisfaz as expectativas do passatempo costumeiro, e por um instante os põe em embaraço consigo mesmos. [...]⁴

<sup>2</sup> NOVALIS. *Fragmente 1*. Ernst Kamnitzer, 1929, Kapitel 22.

<sup>3</sup> Novalis, pseudônimo de Georg Philipp Friedrich Freiherr von Hardenberg (1772-1801), constituiu juntamente com os Irmãos Friedrich e August von Schlegel, Dorothea Schlegel, Friedrich Schleiermacher e outros o grupo de intelectuais que publicou textos em forma de “fragmentos” na revista *Athenaeum*, na cidade de Jena.

<sup>4</sup> NOVALIS. *Pólen*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988, p. 98.

Dedicando-se concomitantemente aos estudos de Filosofia, Astronomia e Física, Novalis publicou em 1798 duas coletâneas de “Fragmente” *Blüthenstaub* (Pólen) e *Glauben und Liebe oder Der König und die Königin* [Fé e amor ou o rei e a rainha], além de deixar em manuscritos uma grande quantidade de *fragmentos e estudos* que não considerava prontos para publicação. Por todas essas anotações fica patente a constante reflexão sobre o escritor Goethe e sua obra.

Algumas informações biográficas importam no contexto das suas realizações filosófico-poéticas no grupo de Jena. Absolveu o curso de Direito, sempre mantendo especial interesse pela Filosofia de Fichte e de Schelling. Após a perda da noiva Sophie von Kühn, de 15 anos de idade, e semanas mais tarde do amado irmão Erasmus, Friedrich von Hardenberg encontrava-se triste e abatido. Os pais o encorajam a retomar o plano que acalentava de formar-se seguindo uma tradição familiar em Ciências Naturais na Academia de Minas de Freiberg na Saxônia, uma instituição de renomada reputação no ramo da mineralogia<sup>5</sup>. Todas essas experiências e conhecimentos, incluindo a perda dos entes amados, coincidem no período entre dezembro de 1797 a dezembro de 1800 na vida do poeta e assessor de minas de bronze em Leipzig, mais tarde das salinas de Weissenfels. Enquanto escrevia o romance, trabalhava na mineralogia no Harz e reencontrava o amor na pessoa de Julie von Charpentier. Os elementos biográficos interagem subliminarmente nos episódios estilizados na poesia do romance, de maneira que se pode interpretar o herói como porta-voz de uma elaboração anímica. O poeta Novalis morre bem jovem, aos 28 anos de idade, em março de 1801.

Quando Novalis pondera acerca das especialidades e qualidades da personalidade de Goethe, que ele enaltece como físico e como poeta, suas observações se revestem de um significado sutil de identificação dos próprios e próximos caminhos a trilhar. Devido ao difícil acesso do texto em português (creio que seja inédito), aponho abaixo o longo Estudo n. 99, que testemunha a ambivalência e a intensidade dessa relação que conjugava admiração e crítica:

99. Goethe é um poeta bem prático. Ele é em suas obras - o que o homem inglês é em suas mercadorias - extremamente simples, elegante, confortável e estável. Ele fez na literatura alemã o que Wedgwood fez no mundo artístico inglês - como os ingleses, ele tem um gosto naturalmente nobre e econômico, adquirido através do intelecto. Ambos os atributos se toleram

---

<sup>5</sup> TIECK, Ludwig. “NOVALIS – Biographische Notiz”. Meyer’s Grossenbibliothek der deutschen Classiker, sem data fls. 55-60. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ZFIIAAAcAAJ&pg=PA38&dq=ludwig+tieck+novalis+biographie&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjC6enj7qvbAhWLk5AKHdBfAqsQ6AEINjAC#v=onepage&q=ludwig%20tieck%20novalis%20biographie&f=true>> (acessado em 29/05/2018).

bem e possuem uma afinidade próxima, no sentido químico. Nos estudos científicos ficou evidente que sua inclinação é antes terminar completamente algo insignificante - conferir-lhe o mais elevado polimento e facilidade de expressão a começar um mundo novo e fazer alguma coisa sobre o que de antemão se sabia que não seria possível realizá-la integralmente, que provavelmente permaneceria desleigada e que jamais se atingiria com ela um alto nível de qualidade. Nesse campo ele também escolhe um objetivo romântico ou então bem recôndito. Suas observações da luz, da metamorfose das plantas e dos insetos são confirmações e ao mesmo tempo as provas convincentes, de que o perfeito ensaio didático igualmente pertence ao domínio do artista. Ademais se poderia em certo sentido afirmar que Goethe com certeza é o primeiro físico de seu tempo - e que de fato ele marca época na história da ciência. Não se pode questionar a abrangência dos conhecimentos do cientista, por mais que as descobertas devam ainda determinar sua importância. Isso é uma questão de se contemplar a natureza, como um artista contempla a antiguidade, - uma vez que a natureza é algo diferente de uma antiguidade viva. Natureza e visão da natureza surgem instantaneamente, como antiguidade e o conhecimento da antiguidade; pois ledor engano é crer que a antiguidade exista. Somente agora a antiguidade começa a surgir. Ela cresce sob o olhar e a alma do artista. Os restos dos tempos antigos não passam de estímulos específicos para a configuração da antiguidade. Não é com as mãos que se faz a antiguidade. O espírito a produz por meio dos olhos - e a pedra esculpida é mero corpo que adquire significado a partir da antiguidade e dela toma a aparência. O cientista Goethe está para outros cientistas, assim como o poeta está para os demais poetas. Em termos de relevância, diversidade e profundidade ele pode ser cá e lá superado, mas em termos de arte criativa, quem aspiraria a ele igualar-se? Nele tudo é ação, assim como em outros tudo se limita a tendência. Ele efetivamente faz algo, ao passo que outros somente tornam algo possível - ou necessário. Necessários e possíveis criadores somos todos nós - mas reais, poucos. O filósofo escolástico talvez designasse isso ativo empirismo. Queremos nos contentar em contemplar o talento artístico de Goethe e lançar um olhar ao seu entendimento. Nele se pode conhecer o dom da abstração sob nova luz. Ele abstrai com rara exatidão, mas nunca sem ao mesmo tempo construir o objeto correspondente à abstração. Isso é nada mais que filosofia aplicada - e assim o encontramos, enfim, para nosso assombro como sendo um filósofo prático que aplica seu conhecimento como todo verdadeiro artista desde sempre foi. Mesmo o filósofo *puro* será prático, embora o filósofo aplicado não precise engajar-se na *pura* filosofia - já que isso é uma arte per se. O *Meister* de Goethe. O acento da arte genuína é unicamente o entendimento. Que constrói de acordo com um conceito particular. Fantasia, chiste e crítica são somente postulados. Assim o *Wilhelm Meister* é inteiramente um produto artístico - um trabalho do entendimento. Sob essa perspectiva se veem vários trabalhos medíocres na galeria de arte - por outro lado a maioria dos trabalhos literários considerados excelentes são excluídos. Os italianos e espanhóis mostram mais frequentemente talento para a arte que nós - os ingleses ainda o têm menos e quanto a isso se nos assemelham, que também possuímos *talentos artísticos* bastante raros - não obstante entre todas as nações sejamos os melhores e mais ricamente providos com essas habilidades - que o entendimento emprega em suas

obras. O excesso em qualidades requisitadas para a arte certamente torna os poucos artistas entre nós tão únicos - tão marcantes e podemos estar certos de que as obras mais esplêndidas serão realizadas, pois nenhuma nação pode nos superar em enérgica universalidade. Se eu compreendo corretamente os mais recentes admiradores da literatura da antiguidade com suas exigências no sentido de imitarmos os escritores clássicos, eles não têm outro propósito senão nos cultivar como artistas - despertar o talento artístico em nós. Nenhuma nação moderna possuiu a compreensão da arte em tão alto grau como os antigos. Tudo para eles é trabalho de arte - mas talvez não seja demais assumir que eles somente para nós o são, ou poderiam vir a sê-lo. Na literatura clássica é como na antiga; ela não nos é dada - não é presente - deve ser, isso sim, produzida por nós agora. Somente através do estudo diligente e inspirado dos antigos surge uma literatura clássica para nós - que os próprios antigos não tiveram. Os antigos precisariam se dedicar a uma tarefa recíproca - pois o mero artista é uma pessoa unilateral restrita. A rigor Goethe é inferior aos antigos - mas ele os suplanta em teor - mérito, todavia, que não é unicamente seu. Seu *Meister* se aproxima muitíssimo deles - quão simplesmente romance ele é, sem adjetivo - e quanto isso significa nos dias de hoje!

Goethe será e precisa ser superado - mas apenas como os antigos podem ser superados, em teor e energia, em diversidade e profundidade - não de fato como artista - ou quem sabe, em bem pouco, pois sua correção e rigor podem ser mais exemplares do que parece.<sup>6</sup>

Os questionamentos de Novalis concernentes ao romance *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* partiam de sua conscientização de que uma nova época se anunciava após a Revolução Francesa, com o Romantismo, e ela não se coadunava com os fundamentos de aprendizagem de *Wilhelm Meister*, na medida em que o romance propõe o entendimento como instância verdadeira, nem com a visão de mundo descrito e explicado segundo leis da natureza e segundo a sensatez. A educação familiar cristã, a consagração ao misticismo e à espiritualidade fundamentavam as contraposições.

Em correspondência ao escritor e editor Ludwig Tieck, Novalis discorre a respeito da natureza de suas hesitações quanto ao livro:

Embora tenha aprendido tanto e continue a aprender com *Meister*, tanto mais odioso é no fundo todo o livro. Tenho toda uma resenha na cabeça. É um Cândido contra a poesia, um romance enobrecido. Não se sabe quem leva a pior: a poesia ou a nobreza, aquela porque ele se considera da nobreza, essa porque ele a considera poesia. Com palha e pincel o jardim

---

<sup>6</sup> NOVALIS. SCHULZ, Gerhard (editor). *Novalis Werke*. München: C. H. Beck, 1981. fls. 409-412. As próximas traduções do alemão ao português são de minha autoria.

da poesia é imitado. (...) E vejo nitidamente a grande arte com que a poesia é por si mesma destruída no *Meister*.<sup>7</sup>

O sentido do projeto ambicioso que conciliasse suas intuições e sonhos pessoais com composição poética ele apresenta numa correspondência à amiga Caroline von Schlegel:

O meu romance ficará pronto neste verão, provavelmente em Teplitz ou em Karlsbad. Mas quando digo pronto eu me refiro ao primeiro volume; uma vez que desejo transformar minha vida inteira num romance, o que deve constituir em si toda uma biblioteca, quem sabe os anos de aprendizado de uma nação. A expressão anos de aprendizado é, todavia, infeliz ao expressar um sentido determinado. No meu caso não deve significar nada além de anos de transição (*Übergangsjahre*) do infinito ao finito. Com isso pretendo, outrossim, satisfazer minha inquietude histórica e filosófica. Uma viagem ao sul e ao norte como preparativo a um empreendimento dessa natureza será ademais imprescindível.<sup>8</sup>

Novalis completou a primeira parte de *Heinrich von Ofterdingen*, “Erwartung”<sup>9</sup> [Expectativa], mas deixou incompleta em forma de fragmento a segunda, “Erfüllung” [Consumação]. Após a morte prematura de Novalis, Tieck publicou em 1802 o romance, juntando anotações e informações esparsas, inclusive decorrentes de conversas que os dois amigos teriam mantido. Com isso, todavia, impõe de maneira arbitrária cerceamentos ao caráter de inacabamento da obra que estaria, no formato das ramificações abertas dos prototextos, provocadoramente desafiando complementações e interpretações. Após a consecução desse romance com considerações acerca da Poesia, Novalis planejava escrever seis romances adicionais, nos quais abordaria a Física, a vida burguesa, a Política, a História e o Amor.

Embora haja uma alusão explícita ao trovador homônimo, Ofterdingen, do medievo alemão, e recupere lendas hagiográficas como a da Santa Elizabeth de Thüringen, o primeiro romance do projeto de Novalis não permanece vinculado a figuras históricas, nem mesmo à sua própria pessoa apesar das coincidências, nem ao espaço diegético,

<sup>7</sup> Carta de Novalis a Ludwig Tieck em Jena, 23.02.1800. In: Samuel, Richard (editor). *Novalis. Werke, Tagebücher und Briefe Friedrich von Hardenbergs*. München, Wien, 1978, 3 volumes. Volume 1, fls. 731-33.

<sup>8</sup> Carta de 27.2.1799, de Novalis a Caroline Schlegel. HARDENBERG, Friedrich von (genannt Novalis). *Eine Nachlese aus den Quellen des Familienarchivs*. Gotha: Friedrich Andreas Berthes, 1873. p. 192. E-book gratuito disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=9XVfAAAAcAAJ&pg=PA192&dq=ich+habe+Lust+mein+ganzes+Leben+an+einen+Roman+zu+wenden&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwiAysfwv5nbAhVDD5AKHbb3BVcQ6AEIPDAD#v=onepage&q&f=false>> (acessado em 21/05/2018).

<sup>9</sup> O músico austríaco Arnold Schönberg escreveu, em 1909, o monodrama atonal chamado “Erwartung”, uma das obras-primas da música expressionista germânica.

tampouco à temporalidade medieval; ao invés disso, enseja uma amplitude poética em vários sentidos.

O personagem Heinrich pressente um mundo original, repleto de fantasia e lenda. Toma conhecimento da Flor Azul, símbolo da verdadeira Poesia, e num sonho, chega a vê-la:

O céu era de um azul escuro, absolutamente puro. Mas o que o atraía de modo irresistível era uma flor esbelta e de azul translúcido, à margem da fonte, que o tocava com as folhas largas e brilhantes. Em torno dela havia uma infinidade de flores de todas as cores, e o mais agradável dos perfumes enchia os ares. Ele não via nada senão a Flor Azul, e observava sua indescritível delicadeza. Quando enfim quis se aproximar, ela de repente começou a mover-se e a transformar-se; as folhas se tornaram mais brilhantes e se cerravam junto à haste que se alongava; a Flor se inclinou em sua direção e as pétalas configuraram uma larga gola azul, em que pairava um rosto suave. Seu doce espanto crescia com a estranha metamorfose, quando subitamente [...]¹⁰

Heinrich desperta e as conversas com os pais estimulam mais ainda a profunda sensação de que a visão não fora mero sonho; mais ainda se instaura nessa literatura a ambiguidade entre a fantasia poética e a intuição pessoal quando o pai se recorda de uma imagem semelhante entrevista na juventude.

A aventura do jovem protagonista Heinrich, que consiste numa viagem “diegética” que empreende com a mãe de Eisenach a Augsburg, corresponde na acepção espiritual ao caminho de autoconhecimento do mundo poético interior. Dos negociantes, companheiros de viagem, ele ouve histórias míticas sobre Arión e Atlântida. A partir do seu contato com cavaleiros cruzados a caminho do Oriente – onde pretendiam disseminar o catolicismo –, e com a mulher árabe Zulima. A figura do mineiro¹¹ devotava ao ofício um amor que se sobrepunha a auspícios

¹⁰ NOVALIS. *Heinrich von Ofterdingen – ein nachgelassener Roman von Novalis – Zwei Teile*. In: *Novalis – Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2008. pp. 199-356.

¹¹ Nessa personagem muitos estudiosos veem uma homenagem de Novalis ao seu mestre nas disciplinas de mineralogia em Freiberg, Abraham Gottlob Werner, geólogo que foi o principal defensor do netunismo na controvérsia contra os plutonistas (Basaltstreit), dentro da questão mais abrangente: da formação geológica terrestre.

Na controvérsia acerca do basalto disputavam “netunistas”, ou geognósticos, e plutonistas chamados também “vulcanistas”, pela correta teoria da formação do mundo. Teriam sido a terra e suas rochas, especialmente o basalto, formados do mar, como formações geológicas sedimentares, ou do fogo (lava, erupções vulcânicas, magma)? O ponto alto da controvérsia científica acerca do basalto sucedeu a partir de 1780.

Goethe não se posicionou nitidamente por uma das duas posições, mas se inclinava por convicção espontânea (apesar de sua ciência) pelo lado dos netunistas, com seu modelo evolucionista regular e ordem mais compreensível do que a imaginação revolucionária segundo a qual do caos de uma erupção

materiais. Essa figura personifica a vida meditativa e religiosa, cristã, sua poesia é a arte do canto laboral que o acompanha na faina diária pelos garimpos, o que ilustram as seguintes estrofes:

Fecundas histórias  
De tempos passados  
Contam a jazida  
Em perene alegria.

Sagrados alentos  
Sopram-lhe ao rosto.  
E as noites dos veios  
Luzem eternas.<sup>12</sup>

Essa consciência de sabedoria e harmonia legada pelas lendas e pelos mitos sobre as coisas e os fenômenos remete a uma Idade do Ouro<sup>13</sup>. Pelas narrativas é dado ao jovem conhecer o que é de fato digno de ser lembrado na poesia: *sem a tudo literalmente se apegar, nem com deliberados sonhos a ordem própria confundir*<sup>14</sup>; e a justificativa para a pesquisa histórica: os descendentes sábios procuram os traços sagrados de vidas passadas, de indivíduos dos mais insignificantes, uma vez que sua vida se projeta na vida daqueles<sup>15</sup>. Um misterioso anacoreta permitiu que folheasse livros imemoriais de Poesia e de História, sem títulos. *Pareceram-lhe estranhamente familiares, e olhando mais atentamente, descobriu-se a si mesmo bem reconhecível entre as figuras. Surpreendeu-se e teve a impressão de estar sonhando [...]*<sup>16</sup>.

Ao longo da primeira parte, o romance *Heinrich von Ofterdingen* pontua prenúncios e oráculos do percurso de autoconhecimento do personagem. A mensagem de Klingsohr no Capítulo 8 fortalece a sugestão de que o mundo sublime está mais perto de nós do que supomos. Nós o vislumbramos intimamente imbricado com a natureza. Como nós comumente pensamos à maneira da tradição científica e coercitiva do raciocínio, é fundamental acompanhar a reflexão dos escritos de Novalis tendo em mente que aqui a Poesia seria a solução

---

vulcânica uma configuração teria sido possível: do basalto e doutras formações rochosas, - eventualmente até mesmo da terra inteira...

“Goethe und der Basaltstreit. Sitzung der Humboldt-Gesellschaft am 13.06.1995 von Helge Martens”. Disponível em:

<<http://www.humboldtgesellschaft.de/inhalt.php?name=goethe#F>>  
(acessado em dia 24/06/2018).

<sup>12</sup> NOVALIS 2008, p. 260.

<sup>13</sup> NOVALIS 1988, p. 90. “Onde há crianças, ali é uma idade de ouro”. (F 97, Pólen).

<sup>14</sup> NOVALIS 2008, p. 271

<sup>15</sup> NOVALIS 2008, p. 272.

<sup>16</sup> NOVALIS 2008, p. 279.



incondicional para a humanidade inteira se afinar com o mundo sublime. O ápice do romance está na narrativa que perfaz o Capítulo 9 e encerra a primeira parte do livro.

A Flor Azul é a história que o personagem-poeta Klingsohr conta ao jovem Heinrich e, embora esteja dentro do romance, é a síntese de uma utopia plena, o que lhe outorga autonomia poética. Com essa narrativa o poeta instituiu a busca da flor azul como um ideal simbólico da poesia romântica, e por isso ela é celebrada e considerada a obra poética inaugural da narrativa romântica de expressão alemã.

Eis o princípio da poética de Novalis: a enigmática história trata da Fábula/Poesia, configurada como uma menina chamada a reconquistar Eros/Amor para a humanidade. Pelas anotações legadas, é possível conceber três dimensões na narrativa: primeiramente a dimensão dos deuses antigos urdindo destinos. O Velho Herói, deus da guerra Marte e também elemento magnético ferro, é quem lança na Terra a espada magnetizada para cumprir a magia do destino; o Rei Artur é a estrela mais potente entre todas da constelação. O reino está gelado, inerte. Mas: “incontáveis metamorfoses e prodigiosas magnificências do reino terreno sua presença há de revelar”, diz o início do poema *Hinos à noite*<sup>17</sup>. Freya, cujo nome designa liberdade e simboliza igualmente a Paz, está subjugada por sortilégios. Fênix é a bela ave que comprova a eterna possibilidade de renovação. Sofia, inclusive etimologicamente, é a sabedoria divina, sacerdotisa vestal que guarda a chama do altar e possui o cálice contendo a água milagrosa que faculta o discernimento entre o genuíno e o falso.

A dimensão terrena mostra Amor acalentado no berço, Razão, Fantasia, Memória, Coração, num antropomorfismo que permite às personagens humanas que interajam entre si. A espada imantada há de indicar a Amor os caminhos para a consumação da união com Freya, o que acalentará e trará vida. Mas é Sofia que tem o conhecimento, a Fantasia que inventa os modos. A ama Fantasia Ginnistan nutre Amor e Poesia. Poesia se deixa inspirar por Amor.

Ao Reino das Parcas com a luz negra, o Escriba, embora humano, tem acesso. Com Alegria, Fantasia, Generosidade e senso de Humor, Fábula (Poesia), irmã de leite de Amor, foi incumbida de decifrar os quebra-cabeças da Esfinge, triunfar sobre a Vida e a Morte e abrandar Amor, tendo em vista o vínculo com Freya. A Lua (Rei Lunar, porque é masculino em língua alemã) é a presença noturna que propicia encontros românticos, sonhos, devaneios, se alegra com a chegada da filha Fantasia. A força de uma corrente imantada reúne finalmente Amor e Freya.

---

<sup>17</sup> NOVALIS 2008, p. 103.

Graças à superação dos obstáculos, mérito de Poesia, o Mundo finalmente se livra do Caos e renasce sem antinomias, pois se estabelece a aliança entre o mundo orgânico e o mundo inorgânico, perpassando os elementos da natureza e revitalizando a humanidade em suprema Harmonia.

Como pensar o projeto de Novalis a não ser como alegoria literária, incessantemente somando um e mais um componente inédito a um tablado cada vez mais intrincado de figuras e remissões? A narrativa mescla mistérios e personagens pagãos e cristãos na busca de um magnetismo universal, haja vista as alusões ao Anjo Bom e à celebração eucarística, ao reino medieval de Artur, às transmutações místicas e científicas da alquimia, às figuras mitológicas greco-romanas, um modo operacional que põe abaixo as oposições lineares entre Antiguidade, Medievo, Cristandade.

Considerando as experiências históricas da Psicanálise, do Surrealismo e das vanguardas poéticas o texto que se oferece ao leitor do século XXI, naturalmente se difere bastante daquele que o próprio Novalis escreveu, mas mantém o hermetismo dos mistérios místicos e os enigmas alegóricos. Sobretudo, o projeto é uma aposta na Poesia.

**Maria Aparecida Barbosa** é professora associada do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Tradutora de literatura de expressão alemã. Mestrado e doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Luiz Rodrigues de Medeiros. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atua principalmente no âmbito da linguagem poética em prosa e poesia, na Literatura Comparada, nas Literaturas Estrangeiras Modernas. Membro do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC com o projeto de pesquisa: Circuito de formas e sentidos. Contato: maria.aparecida.barbosa@ufsc.br